
Isabel Lustosa, D. Pedro I. Um herói sem nenhum caráter, São Paulo, Companhia das Letras, 2006, 340 pp.

João Pedro Ferreira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2316>

DOI: 10.4000/cultura.2316

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2006

Paginação: 393-395

ISBN: 0870-4546

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

João Pedro Ferreira, « Isabel Lustosa, D. Pedro I. Um herói sem nenhum caráter, São Paulo, Companhia das Letras, 2006, 340 pp. », *Cultura* [Online], Vol. 22 | 2006, posto online no dia 11 março 2016, consultado a 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2316> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cultura.2316>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.

© CHAM – Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Isabel Lustosa, D. Pedro I. Um herói sem nenhum caráter, São Paulo, Companhia das Letras, 2006, 340 pp.

João Pedro Ferreira

REFERÊNCIA

Isabel Lustosa, D. Pedro I. Um herói sem nenhum caráter, São Paulo, Companhia das Letras, 2006, 340 pp.

A mais recente biografia do imperador D. Pedro I do Brasil e rei D. Pedro IV de Portugal começa por ser uma obra de divulgação, destinada a um público alargado de leitores interessados e informados, mas não especialistas – é esse o espírito da colecção Perfis Brasileiros, da editora Companhia das Letras, em que se integra. Contudo, é, mais do que isso, um trabalho que abre as portas a uma nova maneira de ver, pelo menos do ponto de vista da historiografia deste lado do Atlântico, a figura do Rei-soldado duplamente libertador.

Há neste projecto de biografias de figuras indispensáveis à construção da identidade brasileira algo de inovador: a importância reconhecida ao olhar original do autor sobre a personagem estudada. E quando o olhar é de uma historiadora com a preparação teórica, a obra prestigiada e a perspectiva de Isabel Lustosa, isso faz a diferença. Que começa logo no subtítulo: "Um Herói sem nenhum caráter". Está dado o mote para as 340 páginas seguintes, que bem podiam intitular-se "Uma biografia politicamente incorrecta do Pai da Pátria".

Doutora em Ciência Política, Isabel Lustosa ocupa actualmente o topo da carreira de investigação na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, de cujo Centro de Pesquisa é responsável. É autora de 14 livros e de mais de uma centena de artigos sobre história do Brasil, principalmente história das ideias, história política e história da Imprensa, com destaque para *O Nascimento da Imprensa Brasileira* (Rio de Janeiro, Jorge

Zahar Editores, 2003) e *Insultos Impressos. A Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823)* (São Paulo, Companhia das Letras, 2000, com base na tese de doutoramento sobre o mesmo tema). Organizou (com Alberto Dines), a monumental edição fac-similar do *Correio Braziliense*, em 31 volumes, publicada em 2003. Mais recentemente, foi a coordenadora-geral do 1º Seminário Internacional sobre Imprensa, Humor e Caricatura: a Questão dos Estereótipos Culturais, que decorreu em Agosto de 2006, no Rio de Janeiro.

Partindo do estado actual dos conhecimentos sobre a figura apaixonante de D. Pedro, pai da independência brasileira e da liberdade portuguesa, a autora não hesita em integrar no retrato os elementos mais controversos que estão documentados – e o resultado é a biografia polémica de um homem contraditório, como de contrastes profundos foi a época em que viveu: "Ao lado de suas tantas qualidades, tinha defeitos tão tremendos que quase os obscureciam. Péssimo e cruel marido para a primeira imperatriz; arrogante e despótico após a dissolução da Constituinte e ao longo de todo o Primeiro reinado [...] imoral e corrompido, ostentando a amante sabidamente corrupta diante de todo o Brasil e do mundo, para humilhação de sua esposa e escândalo da sociedade brasileira; mesquinho até a avareza no que dizia respeito a dinheiro e bens pessoais; talvez mesmo desonesto; injusto, desconfiado e traiçoeiro com os seus melhores auxiliares." (pp. 20-21).

A ambivalência dos traços psicológicos de D. Pedro e as grandezas e misérias dos seus feitos justificam a pergunta com que Isabel Lustosa termina a Introdução e a resposta que vai marcar todo o livro – a história de "um macho": "Quem foi esse homem que começou a governar o Brasil como regente aos 22 anos, fez a nossa Independência – porque sem ele talvez ela não tivesse acontecido de forma a garantir a unidade do Brasil – , deu a Constituição que regeria o país por mais de 65 anos, comandou um exército na Europa para retomar a coroa da filha em Portugal, aonde não voltava desde os nove anos, e morreu ali cercado de glória, como um verdadeiro herói? D. Pedro I é, sem dúvida, o personagem mais fascinante da história do Brasil. Este livro pretende contar a história desse homem que foi, sobretudo, um macho, na acepção mais crua da palavra, no que esta tem de sensual e de rude, mas também de valente." (p. 21).

A obra está dividida em nove partes, acompanhando cronologicamente a vida do biografado. Na primeira parte, intitulada "A maldição da Casa de Bragança", apresentam-se, em pinceladas largas, os antepassados mais próximos: a avó, rainha D. Maria I; a mãe, D. Carlota Joaquina; e o pai, o príncipe D. João, que assumiu definitivamente a regência quando D. Pedro era ainda um bebé de meses. Em relação a D. Carlota, a obra segue a opinião da generalidade das fontes, retomando os temas da ausência de beleza física e da promiscuidade. Já quanto ao príncipe D. João, a fraca figura, a falta de higiene e o medo são matizados – e até mesmo, de algum modo, compensados pelo reconhecimento da perspicácia oportunista, da astúcia e da habilidade política. Depois de um curto capítulo dedicado ao nascimento e à infância de D. Pedro, a primeira parte termina com a fuga da corte para o Brasil, à frente das tropas de Junot, em fins de Novembro de 1807. Recordam-se os gritos da rainha louca – D. Maria I saía à rua pela primeira vez depois de 16 anos de reclusão – acompanhada pelo neto D. Pedro, então um menino de nove anos: "Não corram tanto! Acreditarão que estamos fugindo" (p. 42).

A segunda parte – "A paisagem e o homem" – mostra a importância do meio tropical na formação do carácter do futuro imperador. A forma solta como cresceu no Rio de

Janeiro, o gosto pelas armas, pelos cavalos, pela música, a convivência com a plebe, os sinais precoces de uma sexualidade pouco contida, numa "corte de negros e escravos".

"Pedro e Leopoldina" é o título da terceira parte, onde se fala das más companhias do jovem príncipe, das semelhanças e diferenças de feitio relativamente ao irmão D. Miguel, e da sua aparência, maneiras e cultura. Um capítulo é dedicado à epilepsia, a doença que o afectou com maior ou menor frequência ao longo de toda a vida. Além disso, a autora sublinha que, hoje, D. Pedro seria possivelmente diagnosticado como hiperactivo: "Vivia em permanente movimento, não sabia o que era sossego, repouso, tédio, e também não conhecia a fadiga. [...] Matinal, dinâmico, sóbrio (quase não bebia, apenas um copo de vinho do Porto nas refeições, acompanhado de muitos copos de água), ocupava integralmente o seu tempo. Levantava-se da cama entre cinco e seis horas da manhã e, segundo o reverendo Walsh, 'por já estar acordado, não se mostra disposto a deixar os outros continuarem dormindo', começando a disparar a sua espingarda de caça pelo palácio até que a família inteira estivesse de pé." (p. 71).

Os capítulos seguintes são dedicados ao casamento com a arquiduquesa D. Leopoldina de Habsburgo, "cunhada de Napoleão, educada por Metternich, amiga de Schubert e Goethe" (p. 79). Ao idílio inicial sucederam, porém, depressa demais, os primeiros desencontros, em boa medida porque o ambiente moral da corte do Rio de Janeiro não era de molde a agradar à princesa austríaca, designadamente o comportamento da rainha D. Carlota Joaquina, sobre quem confidenciava, em 1818, numa carta à irmã Maria Luísa, ex-mulher de Napoleão: "Sua conduta é vergonhosa, e desgraçadamente já se percebem as consequências tristes nas suas filhas mais novas, que têm uma educação péssima e sabem aos dez anos tanto como as outras que são casadas" (p. 93). Com o ambiente tropical a potenciar a herança genética, "nessa matéria, D. Pedro puxara à mãe. Seu apetite sexual foi sempre excessivo e não conhecia limites nem diante da honra da família ou do marido da mulher desejada" (p.93).

As complexas relações, quer a nível psicológico, quer a nível político, entre D. Pedro e seu pai, o rei D. João, são analisadas na parte 4, "De espectador a ator: a descoberta da política". O capítulo intitulado "O pai e o filho" dá conta do acumular de tensões entre ambos, sobretudo quando D. Pedro mostra vontade de voltar a Portugal, na sequência da Revolução de 24 de Agosto de 1820 – e D. João hesita, com medo que à chegada a Lisboa o filho mais velho fosse aclamado rei pelo povo. O rei sabia que o seu primogénito se tinha deixado seduzir pelas "novas ideias". E este, admirador do concunhado Napoleão, percebera que "era vão e e perigoso não seguir o espírito do século" (p. 98).

O golpe de 26 de Fevereiro de 1821, que obrigou D. João VI a aceitar a futura Constituição, marcou a entrada de D. Pedro na cena política luso-brasileira. Daí em diante não cessou de reforçar poder e influência, que cresceram ainda mais com o regresso do rei a Lisboa e o célebre "Fico", de Janeiro de 1822, para o qual terá contribuído a acção decididamente pró-autonomista de D. Leopoldina.

A importância crescente da jovem imprensa brasileira e a atitude de D. Pedro em relação à escravatura merecem também a atenção de Isabel Lustosa. No capítulo "D. Pedro, abolicionista", escreve: "D. Pedro I foi um governante muito à frente da elite brasileira do seu tempo. Ele afrontou os valores da escravidão, combatendo com vigor o hábito de alguns funcionários públicos de mandar escravos para trabalhar em seu lugar" (p. 131).

Na quinta parte, "O movimento da Independência", acompanham-se as peripécias do processo que culminou no grito do Ipiranga, mas também o papel de José Bonifácio, de Joaquim Gonçalves Ledo e de outros protagonistas da emancipação. É nesse contexto que surge um capítulo dedicado ao "Jornalismo de Insultos", que remete para outra obra de fôlego de Isabel Lustosa, *Insultos Impressos, a Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823)*, em que se digladiam o *Revérbero*, o *Espelho* ou *A Malagueta*, trocam insultos Soares Lisboa, o visconde de Cairu, os irmãos Andrada (José Bonifácio e António Carlos), o próprio D. Pedro, editorialista sob pseudónimo, acompanhados à distância, de Londres, pelo patriarca Hipólito da Costa, nas páginas do *Correio Braziliense*. Depois da queda de José Bonifácio e da dissolução da Assembleia Constituinte, em Novembro de 1823, inicia-se um período de governo autoritário de D. Pedro, à luz da Constituição de 1824, embora o imperador continue a jurar a sua adesão ao liberalismo. Os dilemas políticos e existenciais do biografado são tratados na parte 6, "Entre brasileiros e portugueses, liberais e absolutistas". Aí se fala da influência de uma das "más companhias" plebeias do imperador, o valido Francisco Gomes da Silva, "o Chalaça". É também aí que entra em cena "A bela Domitila", a mais famosa amante de D. Pedro, que faria dela Marquesa de Santos, a quem chamaram "a Nova Castro" e que teria um papel fundamental no primeiro reinado.

"O Brasil e o mundo" é o tema da sétima parte, que abarca desde o reconhecimento da independência, em 1825, passando pela guerra contra a Argentina pela posse do Uruguai, pela morte de D. João VI, o nascimento do futuro D. Pedro II e a morte de D. Leopoldina – desesperada pela humilhação de ver Domitila exibida publicamente como amante do marido que, por causa dela, terá chegado a agredir fisicamente a imperatriz (pp. 238-239) – até ao fim da relação com a Marquesa de Santos, em 1829.

Os acontecimentos que conduziram à abdicação e ao exílio de D. Pedro, em 1831, são abordados na oitava parte, "Imperador do Brasil", enquanto o título da última, "D. Quixote", tem um duplo sentido. Por um lado, remete para a dimensão trágica de toda a vida de D. Pedro – sintetizada no gesto "quixotesco" quando, na véspera de embarcar de França para vir fazer guerra em Portugal contra o irmão usurpador, o ex-imperador e ex-rei se ajoelha aos pés da filha D. Maria da Glória e declama: "Minha senhora, aqui está um general português que vai defender os seus direitos e restituir-lhe a coroa" (p. 320). Por outro lado, refere-se ao quarto do Palácio de Queluz onde D. Pedro nasceu, a 12 de Outubro de 1798, e onde veio a morrer, em 24 de Setembro de 1834, dias antes de completar 36 anos, "rei, filho e neto de reis, defensor das instituições livres na América e na Europa, que dera constituições às suas duas pátrias e que deixou a filha reinando em Portugal e o filho no Brasil" (p. 324).

As características divulgativas da colecção em que se integra a obra impuseram à partida alguns condicionalismos destinados a facilitar a dinâmica da leitura, desde logo a ausência de notas de rodapé. Apesar disso, o leitor mais exigente ou mais curioso não fica a perder: no fim do volume encontra, além de indicações bibliográficas, uma cronologia e um índice onomástico de grande utilidade. Merecem igualmente destaque as 24 páginas de extra-texto com imagens, incluindo uma colecção de retratos de D. Pedro ao longo de diversas fases da vida, desde os cinco anos, numa pintura da autoria de sua tia-avó, D. Maria Francisca Benedita, até à representação no leito de morte. Algumas das reproduções são de imagens pouco conhecidas em Portugal, como é o caso de um retrato de D. Maria da Glória, futura D. Maria II, e de uma alegoria de pai e filha com as constituições dos dois países.

Num país em que o género biográfico só agora começa a fazer o seu caminho, urge dar a conhecer esta obra entre os leitores portugueses. Até para que o rei D. Pedro IV possa estar à altura, para o bem e para o mal, do imperador D. Pedro I.

AUTORES

JOÃO PEDRO FERREIRA

CHC-UNL